

OBÀTÁLÁ
E A CRIAÇÃO DO MUNDO IORUBÁ
Luiz L. Marins



Terceira Edição
COM ORÍKÌ DE 400 VERSOS
Edição do Autor,
2019.

Reserve o seu:

www.luizlmarins.com.br

Copyright: Luiz L. Marins

Imagem da capa: Pedro Inatobi Neto

Tiragem 100 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marins, Luiz L.

Obàtálá e a Criação do Mundo Ioruba / Luiz L. Marins. – 3ª Edição - São Paulo. Edição do Autor, 2019 [2018, 2013].

Bibliografia.

ISBN 978-85-914441-0-6

1. Candomblés 2. Deuses iorubás - África ocidental 3. Deuses iorubás - Brasil 4. Deuses iorubás - Cuba 5. Iorubás - Mitologia 6.

Orixás

I. Título.

13-01128

CDD-299.63

Índices para catálogo sistemático:

1. Deuses iorubás: Religião de origem africana negra 299.63
2. Orixás: Deuses: Religião de origem africana negra 299.63

É proibida a reprodução em qualquer quantidade, por quaisquer meios reprográficos, sem prévia autorização do autor, em observação à Lei n. 9610 de 19/02/1998.

SUMÁRIO

PRÓLOGO PARA A TERCEIRA EDIÇÃO	4
APRESENTAÇÃO	5
PREFÁCIO DE AULO BARRETTI	6
ORÍKÌ OLÓDÙMARÈ	8
1. INTRODUÇÃO	11
2. ÒRÌSÀ DÍDÁ AYÉ	29
3. ORÍKÌ OBÀTÁLÁ	47
4. A RECONSTRUÇÃO DO ÌTÀN	71
5. AS FONTES	89
6. ANTES DE ODUDUWA	111
BIBLIOGRAFIA	119

Nesta amostra as numerações das páginas diferem do original.

PRÓLOGO PARA A TERCEIRA EDIÇÃO

Com a globalização da internet, novos e importantes dados surgiram, de forma que se tornou necessária uma atualização do nosso trabalho.

Nesta terceira edição, por necessidade de diminuir laudas para introdução de novas informações, foram retirados o mito em forma de prosa, e os versos explicativos da terceira parte, que constam na primeira edição.

A numeração sequencial das notas de rodapé foi modificada para notas de página. A numeração das páginas foi alterada em relação à primeira edição. Algumas pequenas revisões foram feitas. Foram acrescentados:

a) A informação do *Àsà Òrìsà Aláàfin Òyó* sobre *Obàtálá* ter recebido o *èrìndínlógún* de *Olódumarè* e tê-lo trazido para o *ayé*, distribuindo-o depois entre alguns *Òrìsà*.

b) O *oríkì* de *Obàtálá* da família *Elebuibon*, de *Òsogbo*, com quatrocentos versos. Deveria ter saído na primeira edição, mas não foi possível devido ao prazo para lançamento no Alaiandê Xire 2013, em São Paulo.

c) Novos dados sobre as três cidades chamadas *Ilè-Ifè*, uma atual e duas anteriores. A guerra entre *Obàtálá* e *Odùdúwà* teria ocorrido na segunda *Ilè-Ifè*, e não na atual, que é a terceira.

d) Foi acrescentada mais uma fonte sobre o mito de Obatala como criador do mundo, a saber: Geoffrey Parrinder.

O autor.

APRESENTAÇÃO

Em todas as religiões, o rito nasce do mito. Não há religião sem mitologia, e quando o mito se perde na noite dos tempos, o rito gradualmente modifica-se.

Este livro resgata a antiga história nagô da criação do mundo pelo *Òrìsà Obàtálá*, poema sacro, observando as regras estruturais das oito partes que todo poema de oracular Iorubá deve ter, para ser considerado sagrado. Entretanto, cabe ressaltar que nosso trabalho não é uma obra de ficção; antes, é um trabalho de resgate mitológico, como demonstraremos no capítulo sobre forma que realizamos todo o trabalho de reconstrução e resgate, referendando a contribuição de cada autor pesquisado.

Para não deixar dúvidas quanto da veracidade do mito aqui recontado, e não deixar dúvidas que ele não é um trabalho de ficção, mas de reconstrução, ofereceremos todas as fontes utilizadas e traduzidas, de forma não deixar dúvidas ao leitor que o mito é verdadeiro, ainda que reconstruído.

Finalizando com dados de autores como Costa e Silva, Roberval Marinho e Pierre Verger, demonstramos por que o mito sagrado apresentado neste livro é, historicamente falando, anterior à era *Odùdúwà*, reconhecido atualmente como o pai e ancestral da nação Ioruba.

O autor.

PREFÁCIO DO PROF. AULO BARRETTI

Quem lê este livro de Luiz L. Marins, se depara de antemão com uma reconstrução inédita do majestoso poema sacro da criação do mundo *yorùbá*, que norteará, ou é em si mesmo, a obra intitulada *Obàtálá e a Criação do Mundo Ioruba*.

A obra é o retrato escrito do autor, suas características permeiam todo o caminhar do texto. A extrema rigidez e o cuidado com língua *yorùbá* se faz presente em todo poema, tanto quanto o esmero da incansável pesquisa bibliográfica na reorganização dos versos soltos e na capacidade da formatação clássica e necessária, além de um “*savoir faire*” de “poeta” para reconstruir um poema sacro de tal envergadura e importância como esse da gênese *yorùbá*. Não só de grande valor para o meio acadêmico, mas, principalmente para a religião dos *Òrìṣà* e todos os seus seguidores sejam, da diáspora como nas terras de origem.

As minúcias relatadas são de extrema importância, e apesar de se revelarem de forma suavemente poética, contêm verdades incontestáveis da religião dos *Òrìṣà*, para deleite dos seguidores e do leitor em geral. Tudo isso, corroborado com citações contundentes, precisas e detalhadas de um escritor acadêmico.

Conheci Luiz L. Marins, nos finais dos anos 70, na Acacab, pois fui seu professor de teologia *yorùbá*, e na década de 80 nos reencontramos na “Funaculty”, onde, já naquele momento, inquietava-se com as origens da religião tradicional *yorùbá* em relação e/ou comparação com o Batuque do Sul.

Muito conversamos sobre pesquisas e bibliografias existentes, as quais, de uma maneira ou outra, pudessem cooperar em suas investigações, já em andamento.

Desta forma, tornamo-nos amigos de fato. Posso atrever-me, de carinhosamente chamá-lo de “meu pupilo”, que com o passar dos anos demonstrando toda sua capacidade intelectual, investigativa e argumentativa tornou-se meu interlocutor, ao qual agradeço e o tenho em alta estima. Em contraparte, quando Luiz começou a escrever, em muitas ocasiões fui seu interlocutor. Dessa maneira, de pleno conhecimento do autor e do seu trabalho, posso afirmar a premissa que “a obra é o retrato escrito do autor, pois suas características de minuciosidades permeiam todo o caminhar do texto”.

Finalmente, ao parabenizar o autor por este livro quero registrar que, escrever sobre a gênese *yorùbá* e ter o *Òrìsà Qbàtálá* como protagonista é, de fato, um resgate extremamente necessário à literatura afro-brasileira, e de valor inestimável para as comunidades religiosas de *Òrìsà*.

Sendo assim, Luiz L. Marins presta uma grandiosa homenagem ao *Òrìsà Òdòsàálá*, o criador deste mundo, para todos os Orixaiístas, e a todos os seus iniciados, onde ele, Luiz, está incluído.

Aulo Barretti Filho

www.aulobarretti.wordpress.com

Bàbálórìsà, escritor, pesquisador e professor de religião tradicional *yorùbá* e da afrodescendente. *Bàbálórìsà* do candomblé Kêtu reaficanizado do Ilé *Àsè Ode* Kitálesi (em São Paulo Brasil) e *Asojú Qba Alákétu* (em Kétu no Benin). Odontólogo e Presidente da Funaculty. Ver Wikipédia.

ORÍKÌ OLÓDÙMARÈ ¹

1. *L'ojú Olórun! L'ojú Olódùmarè!*
2. *Elédàá, Elèèmìí, Olùpilèsè*
3. *Òyígíyigì Ota Aìku*
4. *Ògàá ògo Oba òrun*
5. *Atérere k'áyé,*
6. *Eléní à té'ka*
7. *Oba a sè kan má kù*
8. *Olórun nikan l'ógbon*
9. *Ar'inur'ode*
10. *Olùmònokàn*
11. *Oba Aìrìí Awamaridi*
12. *Oba Adáké dá'jó,*
13. *Oba Mimò ti kò l'éèrì*
14. *Aláàlà funfun òkè*
15. *Isé Olórun tóbi*
16. *Alábàáláàse, a rán rere si i àwa.*

¹ Bolaji Idowu, *Olódùmarè, god in yoruba belief*, New York, A&B Books Pub., 1994 [1962]. Composto a partir de versos soltos, com tradução a partir do inglês.

LOUVOR A OLÔDUMARE

1. Na Presença de Olórun! Na Presença de *Olódùmarè*!
2. Criador, Senhor dos espíritos, fundador do mundo.
3. Pedra Imutável e Eterna
4. Mais Alto Glorioso Rei do Céu,
5. Aquele que Se espalha sobre toda a terra,
6. Dono da esteira que nunca se dobra
7. Rei cujos trabalhos são feitos com perfeição
8. Olórun é o único que tem sabedoria
9. Aquele que não podemos ver.
10. Aquele que conhece os corações.
11. O Rei invisível que não podemos ver
12. Rei que mora em cima, e que julga em silencio
13. Rei Puro, que não tem mancha.
14. O dono do pano branco do alto
15. Os trabalhos de Olórun são poderosos
16. Alábàálà̀̀̀̀ envie as coisas boas para nós.

1

INTRODUÇÃO

“Quando estudamos a literatura ioruba, o que estamos tentando fazer primeiro de tudo é entender através dela a sua cultura, o seu pensamento e como o povo ioruba faz uso da sua língua criando imagens, efeitos e situações reais ou imaginárias para visualizar a concepção do seu próprio universo [e] se considerarmos que Ifá possui mais ou menos 153.600 versos, a quantidade de literatura oral ioruba coletada não passa de uma gota no oceano, e que a coleta deste material é um trabalho urgente, pois os que possuem esta tradição estão indo embora, e a sociedade nigeriana moderna não está dando continuidade à transmissão das tradições de pai para filho, correndo o risco de se perder muito da literatura oral ioruba, ao menos que haja um enorme esforço atual de coleta de tradição oral”.

(Abimbola, 1977, p. 9)

Concordando com Abimbola, resgataremos neste trabalho o *léselese* (poema) *Òrìṣà Dídá Ayé* (Orixá Criou o Mundo), verso sagrado do oráculo dos iorubas ¹, sobre a criação do mundo pelo *Òrìṣà Obàtálá*, o *Òrìṣà* da criação. Este mito não recebeu na literatura afro-brasileira a devida atenção, citado apenas como resumo, na tradução de Beniste (1997, p. 50).² Entretanto, a sobrevivência na tradição oral e o registro etnográfico não deixam dúvidas da existência do mito ioruba da criação do mundo por *Obàtálá*.

No poema que resgatamos e que chamamos *Òrìṣà Dídá Ayé*, *Obàtálá* é o *Òrìṣà* da criação do mundo, o Grande

¹ Grupo étnico da África Ocidental, distribuído entre os países da Nigéria, Ghana, Togo e Benin, sendo a sua origem em Ifé, Nigéria.

² Beniste traduziu o texto de Bolaji Idowu, publicado no livro “*Olódumàrè...*”

Òrìṣà criador do mundo e dos homens. Como esta versão não foi devidamente estudada em língua portuguesa, vamos resgatá-la a partir de extrato de varios fontes etnográficas em língua inglesa, escritas em prosa, e que serão citadas mais à frente nos capítulos onde explicamos a forma da recomposição deste poema oracular.

Apesar desta versão não ser conhecida no Brasil, a etnografia registrou-a em língua inglesa com algumas variantes, porém, uniformes na linha central mitológica, onde Obàtálá é a divindade principal da criação. Veremos como ele cumpriu as obrigações prescritas pelo oráculo, recebeu o Àse¹ de Olódùmarè, e realizou a criação do ayé² e do ser humano.

Neste sentido, apresentaremos neste livro o poema sagrado Òrìṣà Dídá Ayé (Orixa criou o Mundo) reconstruído até onde foi possível faze-lo, acompanhado de um estudo passo a passo no qual demonstramos como reconstruímos todas as partes que compõem o poema, com as devidas notas.

SOBRE OBÀTÁLÁ

Olayinka Babatunde Ogunsina Adewwuyi, ou Awo Ifatunde, em: “*Obatala, the greatest and oldest divinity*”, 2013, esclarece pontos importantes para o estudo de Obàtálá:

“Como o líder das divindades, Obatala chefiou as outras divindades do mundo espiritual, o lugar das divindades e seu Criador, para o mundo da existência física, que é chamado Aye

¹ Força divina, e/ou poder de realização de algo ou alguém.

² Mundo material e físico, paralelo ao òrun (mundo espiritual).

[...] parte retirada nesta amostra.

AS TRES ILÈ-IFÈ

A tradição oral ioruba diz ter existido duas cidades chamadas *Ifè*, *Ifè Òódáyè* e *Ifè Òóyelagbò*, antes da atual *IlèIfè*. O fato de ter havido duas *Ifè* anteriores, e que somente as duas últimas é que estão relacionadas com *Oduduwa*, é mais uma evidência que existiu um mito da criação anterior a seu advento. O site do *Òòni Ifè, The House of Odudua* (ver biblio) assim esclarece, como segue:

[...] parte retirada nesta amostra.

O ÌTÀN E O ESE NA ACULTURAÇÃO DA PALAVRA

Aos estudiosos mais atentos, uma explicação técnica sobre o uso da palavra *ìtàn* (história) no corpo de um *léselése* (poema) se faz necessária, esclarecendo o conceito das palavras *ìtàn* (história) e *ese* (verso), e o seu uso.

Algumas palavras da língua ioruba, em virtude das convenções gráficas adotadas depois da colonização europeia, vêm recebendo importantes modificações conceituais e criando alguns embaraços linguísticos. Uma destas palavras é a palavra *ìtàn* (história).

[...]

A DIFERENÇA ENTRE O MITO E O ÌTÀN ODÙ

Esclarecida a questão do uso da palavra *ìtàn* dentro do *ese*, vamos falar em seguida, da diferença entre um mito comum, ainda que fale de *Òrìṣà*, narrada sem conotação sagrada, e um *ìtàn-mimó* uma história sagrada.

Numa cultura de tradição oral, é ouvindo dos mais velhos que aprendem os mais novos, na forma de narrativas, que podem ser sagradas ou não. Omidire, (2005, pg. 20) afirma que “entre os iorubas contam-se até doze tipos de contos, dos quais os principais são: *àlò àpamó*, *aló àpagbè*, *ìtàn*, *fàbú*, *òjé*, *àròso*, *aró e odù*”. Os *àlò* são fábulas de fundo moral, social e místico, que visam instruir a formação do caráter dos mais novos. Embora possam falar de Deus e das divindades, não são necessariamente sagrados, nem precisam ser reais, embora sejam largamente utilizados para entreter e ensinar os mais novos, não são usados nos rituais religiosos. Assim, para objeto do nosso estudo, vamos considerar apenas a história sagrada, o *ìtàn-mimó*, o mito sagrado utilizado no *Ifá*.

Entretanto, ao contrário do que faz parecer a especializada etnografia brasileira sobre a “mitologia dos orixás”, nem todo *ìtàn* é um *ìtàn-odù*. Existem em nossa literatura muitos *ìtàn* de *òrìṣà* que, apesar de falarem das divindades, não podem ser considerados *ìtàn odù*, pertencendo à mitologia comum. Com o advento da internet, este tipo de *ìtàn* proliferou-se às centenas, mas o que os diferencia é o conteúdo, as informações que trazem. Veremos a seguir as características de um *ìtàn odù*.

2

ÒRÌSÀ DÍDÁ AYÉ

“Orixa criou o mundo”

Ejìogbè

ÒRÌSÀ DÍDÁ AYÉ

1. *Ìtàn àtowódowó, itàn atenudenu*
2. *Onîwáádí àtúndá itàn isèdáyé*
3. Jogo para Obàtálá
4. *Òrìsà-Nlá Ìgbà Àkókó*
5. “O Grande Òrìsà do início dos tempos”
6. *Àkóbí Olórun*
7. “O primeiro filho de Olórun”
8. *Igbákejì Olódumarè*
9. “A segunda pessoa de Olódumarè”
10. No dia que ele estava vindo para criar o *ayé*
11. No tempo que a existência começou
12. *Olódumarè* era uma massa infinita de ar
13. Começou a mover-se lentamente, a respirar.
14. O ar transformou-se em massa de água
15. Dessa água nasceu *Òrìsà-nlá*
16. O grande *Òrìsà-Funfun*, o *Òrìsà* da cor branca.
17. O que é agora a nossa terra
18. Era um pântano desolado
19. Em cima estava o *òrun*
20. Onde também moravam os *Òrìsà*
21. Tudo que eles precisavam estava no *òrun*
22. Nos pés da árvore baobá¹
23. **Segue ... são quatrocentos versos.**

¹ *Adansonia Digidata*, L. *Bombacaceae*; *Oṣè*, (Verger, 1995, p. 627).

3

ORÍKÌ OBÀTÁLÁ ¹

Louvores a Obàtálá

¹ Publicado em *The Adventures of Obàtálá*, part II, Ara Ifa Publishing, California, U.S.A, 1998, por Ifayemi Elebuibon. As notas de rodapé serão de Ifayemi Elebuibon, e também do autor, portanto, não seguirão a numeração original da fonte. Para identificar os autores das notas, quando ela for de Elebuibon, usaremos a sigla (ELE), ao final. Traduzimos do inglês.

1. *Olúwa*, eu espero que você tenha acordado bem
2. *Qbàálá*, você acordou bem?
3. *Ò̀̀sàálá*, você acordou bem ou não?
4. Diferente de *Olódùmarè*¹, ele atende nossos pedidos
5. *Emó*² acorda bem na sua rede
6. *Afèb̀̀jò*³ acorda bem em sua casa
7. *Agbe*⁴ acorda bem com sua cor azul anil
8. *Alùkò*⁵ acorda bem em sua árvore
9. *Léké-léké*⁶ acorda bem com suas penas brancas
10. *Odíderé*⁷ acorda bem com suas penas vermelhas
11. *Àkùkò*⁸ acorda bem com seu *Orí*
11. *Etù*⁹ acorda bem com seu *Orí*
12. *Ahun*¹⁰ acorda bem em seu casco
13. *Ìgbín*¹¹ acorda bem em sua concha

¹ O Deus Todo Poderoso. Nós o louvamos, mas Ele não nos responde, apesar de ouvir nossas súplicas. (ELE)

² Uma espécie de roedor. *Praomys Tullbergi*.

³ Espécie de rato das gramíneas, *Lemnicomys striatus*, cujo rabo é usado na confecção do *Ìrùkèrè*. (ELE)

⁴ Um tipo de pássaro de plumagem azul anil. *Blue Touraco*, *Musophagidae*. (ELE)

⁵ Um pássaro. *Carmine Bee-eater*, *Merops nubicus*.

⁶ Ave de plumagem branca, pernas longas, que voa suavemente sobre as águas. *Buffbacked Heron*, *Cattle Egret*, *Bubulcus Ibis*.

⁷ Tipo de papagaio cinza, e penas vermelhas no rabo, que são usadas em rituais iniciáticos religiosos aos *Ò̀̀rìsà*.

⁸ Galo.

⁹ Galinha de angola, conquém, ou galinha da Guiné.

¹⁰ Tartaruga.

¹¹ Um tipo de caracol.

14. Òòrè¹ acorda bem com seus espinhos
15. Eja² acorda bem dentro do rio
16. Òjòlá³ acorda bem com sua força
17. Ìrórè⁴ acorda bem com suas garras
18. Àsòrín³ acorda como rei entre as árvores
19. Òkun⁵ acorda bem como chefe do rio
20. Bàbá⁶ eu espero que você tenha acordado bem
21. Obàálá⁷, você acordou bem hoje?
22. Òòsàálá, você acordou bem ou não?
23. Obàálá, você acordou bem?
24. Onílè da casa que batemos o àgbá⁸
25. O rei que vive em Ifón⁹
26. Aquele a quem nós saudamos como Olódùmarè
27. **Segue ... são quatrocentos versos.**

¹ Porco espinho, também chamado de *òjìgon*. (ELE)

² Qualquer peixe.

³ A enorme cobra real *Python, erè*. (ELE) ³ Qualquer pássaro ou ave jovem, não adulta.

⁴ *Entrandrophragma Candollei, Igí Nla, Igí Àsè* (Verger, *Ewé...*). Uma árvore que nenhuma outra pode crescer junto, pois ela a matará. Um ditado diz: *àsùrín nìkàn gbéju*, “pessoa que vive isolada por que é perigosa”. (ELE)

⁵ Força, vigor, energia (Beniste, 2011). Uma alusão à força do hipopótamo (babalaô *Aikulola Oluwin Òòsà*, informação pessoal).

⁶ Pai.

⁷ Grande rei.

⁸ “Dono da casa”, não confundir com *onílè*, que é “dono da terra” - Antigo tambor feito de madeira e couro de animal do mato, em alguns lugares é chamado de *ìgbìn*. Quando tocado para *Òrúnmilà*, é chamado de *ogidan*, e quando para *Ógún*, de *àgèrè*. (ELE)

⁹ Nome de uma cidade que *Qbàtálá* governa como rei. Há duas *Ifón* atualmente: uma em *Òwò*, no Estado de Ondo, outra em *Èrìn Òsun*, a poucos quilômetros de *Òsogbo*, capital do Estado de *Òsun*.

4

A RECONSTRUÇÃO DO ÌTÀN

Neste capítulo é desnecessária a releitura dos versos. O *ìtàn* que apresentamos trata-se de um *léselése nlánlá* (grande poema) resgatado a partir de várias fontes, variantes de uma única história, e passada de geração para geração. Para apresentá-lo na forma tradicional utilizada no *ìtan odù*, tal qual falou Barretti, foi necessário um trabalho de recriação das partes necessárias que o caracterizam.

Primeiramente estudaremos cada uma das oito partes “recompostas” do poema, e a forma como foram trabalhadas, comentando-as. Faremos um estudo passo a passo de cada uma, para que, dessa forma o leitor possa compreender a evolução do nosso trabalho, para no próximo capítulo apresentar o poema e a história de forma completa.

O ODÙ

Odù é um signo divinatório que memoriza os mitos e fatos históricos de tradição oral, agora também etnográfica. Como as fontes etnográficas que consultamos não possuem mais esta informação, foi necessário “sugerir” o *odù*¹. Mas esta sugestão não foi aleatória.

Os motivos da sugestão do *odù Ejiogbè*, é porque “ele é o *odù* do começo das coisas” (Epega & Neimark 1995, p.1). Adékòya 1999, p. 79, também cita este *odù* para registro da história da criação do mundo.

¹ Signo divinatório.

O TÍTULO

O título *Òrìsà Dída Ayé* foi assim composto: a expressão *Dída Ayé* (criação do mundo) foi tomada por empréstimo do dicionário *Dictionary of Yoruba Modern* de Abraham R.C., (1962, 119, verbete *dá*, A 5), sendo que antepusemos a ela a palavra *Òrìsà*. A tradução literal é “*Òrìsà Criou o Mundo*”.

PRIMEIRA PARTE:

A primeira parte é composta pelos versos 1 e 2, cuja finalidade é para registrar o crédito do sacerdote que criou o poema. Sim os poemas são criados pelos sacerdotes dos oráculos.

No primeiro verso¹ informamos que é uma história tradicional passada de geração para geração e de “boca a boca”.

No segundo verso, para fins de melhor exemplo, idealizamos um personagem fictício, *Onîwààdí*², que significa “aquele que investiga”, dizendo que “ele refez a história da criação do mundo”.

São as primeiras linhas que registram o autor do poema, e uma breve referência de suas qualidades e origens, podendo conter ainda um *òwe* (provérbio) relativo ao tema.

¹ Veja na introdução, “O *Ìtàn* e o *Ese* ...”

² *Oríkì* “espontaneamente” e pessoalmente recebido em 2010, pelo *Awo Temiyemi Ekerin Orúnmilà*, de Ijebu-Ode, Ajagbalura, Nigéria, 52 anos, residente em São Paulo, oportunidade em que pode avaliar nosso trabalho.

Não traduzimos estes dois versos, pois mantê-los em língua nativa representa uma espécie de “assinatura”.

As partes 2, 3 4, 5, 6, e 7 foram retiradas.

OITAVA PARTE:

A oitava parte composta dos versos 383 a 401 traz o resumo para memorização e localização do poema no corpo da tradição oral oracular registrada na mente do sacerdote.

Esta oitava e última parte do poema é importante por que ela é a chave para que o novo sacerdote “amarre” o poema com o signo divinatório correspondente.

Esta é a parte utilizada pelos iniciantes para o trabalho de memorização do corpo oralitário, pois o aprendiz, ao decorar a oitava parte, conseguirá desenvolver o restante do *itàn*.

Na maioria dos livros sobre o tema, esta é a parte geralmente publicada. Embora não deixe de ser um registro importante, deixa-se de publicar um grande conteúdo de significado religioso e ritual.

Os poemas sagrados da religião tradicional ioruba fazem parte da oralitura deste povo, e estão registrados na mente dos anciões, havendo duas formas de preservá-los: ou são passados oralmente de mestre para discípulo, ou são gravados por especialistas, graficamente transcritos, traduzidos, e posteriormente publicados. Estas publicações podem ser de várias formas:

- Versos em ioruba (ese).
- Versos em idioma alvo (poema).
- Prosa em ioruba (itàn).
- Prosa em idioma alvo (conto).
- Mista em ioruba, uma parte em verso, e outra parte em prosa (ese / itàn).
- Mista em idioma alvo, uma parte em verso, e outra parte em prosa (poema / conto)
- Versos bilíngues: uma parte em ioruba, e outra versada no idioma alvo (ese / poema).
- Prosa bilíngue: uma parte em ioruba, e outra versada no idioma alvo (itàn / prosa)

Seja qual for a forma de publicação, o conceito de “história” será sempre mantido, conforme explicamos anteriormente no capítulo sobre as palavras itàn e ese.

[...] **continua**

5

AS FONTES

Apresentaremos agora as fontes que traduzimos e utilizamos em nosso trabalho de reconstrução do *ìtàn Òrìṣà Dídá Ayé*, cujo objetivo principal não é comparar as suas variantes, mas sim mostrar que incontestavelmente, a história ioruba da criação do mundo pelo *Òrìṣà Obàtálá* foi conservada pela tradição oral, e etnograficamente registrada, ainda que de forma fragmentada.

As fontes não oferecem a versão ioruba, nem o estilo poético dos versos de *odù*, mas trazem informações importantes, as quais reunidas e adaptadas serviram de base para o nosso trabalho de resgate.

Assim, o poema *Òrìṣà Dídá Ayé* traz no seu corpo de texto as principais informações, portanto, a leitura das fontes é dispensável, a menos que o leitor deseje verificar os dados que formaram a base da nossa reconstrução do poema, como também conhecer as informações que não utilizamos, mas que de qualquer forma não deixam de existir e fazer parte do mesmo.

Agindo assim, o leitor poderá comprovar a honestidade de nosso trabalho.

J. OLUMIDE LUCAS,
The Religion of the Yorubas, 1948

[...] Olorun criou todas as coisas, [...], mas ele não completou o trabalho. Antes de retirar-Se para o céu, Ele encarregou Obatala com a tarefa de completar o trabalho da criação [...].

E. BOLAJI IDOWU,
Olódùmarè God inthe Yoruba Belief,
1962

O que moveu Olódùmarè a pensar em criar a terra, ninguém sabe. Ele concebeu e realizou a ideia. Ele chamou Òrìṣà-Nlá à Sua presença e encarregou-o com deste dever. Deu a ele um pacote de terra, uma galinha de cinco dedos e um pombo.

Quando Òrìṣà-Nlá chegou, ele lançou a terra sobre um lugar e soltou a galinha e o pombo. Eles imediatamente começaram a ciscar e espalhar a terra. Òrìṣà-Nlá voltou e relatou a Olódùmarè que o trabalho havia sido realizado.

Depois disto, Olódùmarè enviou o camaleão para inspecionar o trabalho que tinha sido feito. [...]. Na primeira visita, o camaleão informou que a terra estava ampla, mas não estava seco o suficiente; [...] na segunda visita, ele retornou informando que ela já estava seca o suficiente. O lugar sagrado onde o trabalho começou foi chamado Ifè, (aquilo que é amplo), [...] Olódùmarè enviou novamente Òrìṣà-Nlá para preparar e embelezar a terra.

Desta vez, Olódùmarè então enviou Òrúnmilà para acompanhá-lo como seu conselheiro. [...]. Para Òrìṣà-Nlá, Olódùmarè deu a primeira Igi Òpè [...] e outras três árvores, Iré, Awùn, Dòdo. Ainda não chovera sobre a terra. A galinha e o pombo original haviam se multiplicado e dariam alimentação

para os moradores da terra. Òrìṣà-Nlá veio para baixo e fez como tinha sido dito para ele.

Quando tudo estava pronto, Orèlúéré, aquele que tinha sido preparado antes, foi enviado para chefiar a primeira

[...] **parte retirada nesta amostra.**

6

ANTES DE ODÙDUWÀ

Conhecemos a versão do mito da criação por *Odùduwà*, no qual ele, após tomar o "saco da criação" das mãos de Qbàtálá, então embriagado, torna-se o protagonista principal como criador do mundo, garantindo com isso seu poder sobre a terra, restando a Qbàtálá a criação dos seres humanos e todos os seres vivos.

Não dissertaremos sobre esta versão pois já foi extensivamente publicada (Verger 1997b, p. 83, e outros)

Porém, o poema-história *Òrìṣà Dídá Ayé* parece pertencer a um período anterior em que os *nàgó* não possuíam estado político, melhor dizendo, numa época da história dos *nàgó* difícil de mensurar, e que não existia ainda uma nação ioruba propriamente dita. O que existiam eram pequenas cidades-estados que falavam um mesmo dialeto, cada qual com suas diferenças regionais. Informa Verger (1997, p. 15)

“[...] a maior parte das sociedades iorubas era, antes da conquista de Ifé por Odudua na etapa dos mini-estados, de estrutura política extremamente mirrada, onde a maior parte das funções religiosas, a agricultura e as atividades sociais era limitadas ao mínimo [...]

Uma nação política governada por uma monarquia divina, tal qual se nos apresenta hoje (ou o que restou dela) só veio a existir com o advento de *Odùduwà* como rei de *Ifè*. A nação ioruba, tal qual se entende hoje, é uma invenção recente dos europeus. Informa Verger (1997, p. 14) que “o termo ioruba chegou ao conhecimento do mundo ocidental em 1826, através de um livro do Capitão Clapperton. Foi encontrado em um manuscrito em língua árabe, trazido por ele.”

[...] **parte retirada nesta amostra.**

BIBLIOGRAFIA

ABIMBOLA, Wande.

1971. “The Yoruba Concept of Human Personality” in *La Notion de Personne en Afrique Noire*, CNRS, Paris, 1981.

1975a. *Sixteen Great Poems of Ifá*. UNESCO.

1975b. *Yoruba Oral tradition*, Ife, University of Ife Press.

1976. *IFA, An Exposition of Ifá Literary Corpus*, Ibadan, Oxford University Press.

1977. *Study of Yoruba Literature*, Ife, University of Ife.

ABRAHAM, R. C. *Dictionary of Modern Yoruba*, Londres, Rout & Kegan, 1962 [1946].

ADEDEJI, Joel. “Folklore and Yoruba drama: Obatala as a case study”. In: *African Folklore*, Bloomington, Richard M. Dorson (Org.), Indiana University Press, 1979.

ADÉKÒYÀ, Olúmúyiwá. *Iorubá: tradição oral e história*, São Paulo, Ed. Terceira Margem, Centro de Estudos Africanos, USP, 1999.

ADEWUYI, Olayinka B. O. *Obatala, the Greatest and Oldest Divinity*, River Water Books, Alamosa, Colorado, USA, 2013.

AFOLAYAN, Adebisi. *Yoruba Language and Literature*, Ife, University of Ife, 1982.

ANDERSON, David. *The Origin of Life on Earth: an African Creation Myth*, New York, Sights Productions, 1991.

ÀSÀ ÒRÌSÀ ALÁÀÀFIN ÒYÓ.

2015. “Elédùmarè gives the èrìndínlógún to Ọ̀bàtálá”. *Newsletter 02*, March 2015. Acessado em 26/02/2017. <https://asaorisaalaafinoyo.files.wordpress.com/2016/01/asaorisa-news-2015-2.pdf>

2016a. “Ọ̀bàtálá Aláàbàalààsè Igbákejì Olódùmarè”. *Newsletter 12*, set. 2016. Acessado em 26/02/2017. <https://asaorisaalaafinoyo.files.wordpress.com/2016/01/asaorisa-news-12-set-2016.pdf>

2016b. “The Creation and Destiny of the Human Geing”. Canal Àṣà Òrìṣà Aláààfin Ọ̀yó, Youtube, 13/03/2016. Acessado em 09/12/2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dPLjhM_gxII

2018. “Obatala and Obalufon, Prince Olatise Oyeleke”. Canal Àṣà Òrìṣà Aláààfin Ọ̀yó, Youtube, 12/07/2018. Acessado em 16/07/2018. <https://www.youtube.com/watch?v=G0QMreySkck>

AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*, São Paulo, Ed, Nova Fronteira, 1995.

AWOLALU, J. Omosade & Dopamu, P. Adelumo. *West African Traditional*, Ibadan, Nigéria, Onibonoje Press, 1979.
BARRETTI FILHO, Aulo.

1997. “Orunmila e a trajetória do oráculo, do ikin aos búzios, as perdas e o poder de preservação no candomblé”, *V Congresso Afro-brasileiro*, Salvador, mimeo.

2010. *Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu*, (Org.), Edusp, São Paulo.

BASCOM, William. *Sixteen Cowries*, Indiana, Indiana University Press, 1993 [1980].

BRAGA, Julio. *O jogo de buzios*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

C.M.S. *A Dictionary of the Yoruba Language*, Ibadan, Oxford University Press, 2001, [1913].

COSTA E SILVA, Alberto da.

1998. *A enxada e a lança*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.

2002. *A Manilha e o Libambo*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.

COURLANDER, Harold. *Tales of Yoruba Gods & Heroes*, New York, Original Pub., 1977.

BENISTE, José. *Dicionário Yoruba-Português*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2011.

ELBEIN DOS SANTOS, Juana & SANTOS, Deoscóredes M. 1967. *West African Sacred Art and Rituals in Brazil*, Ibadan, Institute of African Studies.

1971. *Èṣù Bara Láróyè*, Ibadan, Institute of African Studies.

2014. *Arte Sacra e Rituais da África Ocidental no Brasil*. Salvador, Ed. Corrupio.

ELBEIN DOS SANTOS, Juana. *Os Nagô e a Morte*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1993 [1976].

ELEBUIBON, Ifayemi.

1989. *The Adventures of Obàtálá (part I)*, Oyo, A.P.I. Production, Nigéria.

1998. *The Adventures of Obàtálá (part II)*, California, Ara Ifa Publishing, U.S.A.

EPEGA & NEIMARK. *The Sacred Ifa Oracle*, New York, Happer Collins, 1995.

- FABUNMI, M.A. *Ifé Shrines*, Ifé, University of Ifé Press, 1969.
- FALOKUN, Fatunmbi. *Obatala*, New York, Original Publications, 1993.
- FAMA, Chief. *Fama's èdè Awo, Òrìsà Yorúbà Dictionary*. Ilé Orunmila Communications, San Bernardino, CA, 1996.
- IDOWU, E. Bolaji. *Olódùmare*, New York, Aim Books, 1994 [1962].
- ÌDÒWÚ, Gideon Babalolá. *Uma abordagem ao Iorubá (nagô)*, Porto Alegre, Ed. Palmarinca, 1990.
- IFATOKUN, babaláwo. “The Creation and Destiny of Human Being”, Canal Àsà Òrìsà Aláàfin Òyó, Youtube, 13/03/2016. Acessado em 09/11/2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dPLjhm_gxII
- JOHNSON, Samuel. *The Hystory of the Yorubas*, London, Routledge & Kegan Paul Ltda, 1973 [1921].
- LUCAS, J. Olumide. *The Religion of the Yorubas*, C.M.S., Lagos, 1948.
- MARINHO, Roberval. “O imaginário mitológico na religião dos Orixás”. In: *Dos Yorúbá ao Candomblé Kétu*, Aulo Barretti Filho (Org.), São Paulo, Edusp, 2010.
- OLOOLUTOF, Tofowomo Abimbola Ola. “Emergence of Oduduwa as the Supreme”, em: *Yoruba Tradicional Cultural Renaissance*, Wordpress, Internet, 2017. Acesso 05/02/2019. <https://oloolutof.wordpress.com/2017/05/20/emergenceofoduwa-as-the-supreme-high-priest-in-elu/>

OMIDIRE, Félix Ayoh. *Pèrègún e outras fabulações de minha terra*, Salvador, Edufba, 2005.

PARRINDER, Geofrei. *African Mytology*, 196, citado por Klass A. A. W. Wootmann, “Cosmologia e geomancia: um estudo da cultura Yorùbá Nàgó, em *Anuário Antropológico* 77, Tempo Brasileiro, 1977.

PESSOA DE BARROS, J. F. *O segredo das folhas*, R. Janeiro, Editora Pallas, 1993.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*, São Paulo, Ed. Schwarcz, 2001.

SÀLÁMÌ, Síkírù. *Cânticos dos Orixás na África*. São Paulo, Editora Oduduwa. 1991.

SIMPSON, George E. *Yoruba Religion and Medicine in Ibadan*, Ibadan, Ibadan Univ. Press.1980.

THE HOUSE OF ODUDUA. *The Origin of Ilẹ̀-Ifẹ̀, the holy city*. Internet. Disponível em: <https://www.oonirisa.org/originof-ile-ife/>. Acessado em 27/02/2017.

VERGER, Pierre.

1965. “Grandeur et Décadence du Culte de Ìyámi Òṣòròngà”. In: *Journal de La Societe des Africaniste*, 35 (1), 141-243.

1967. *Awon Ewé Osanyin, Yoruba Medicinal Leaves*, Institute of African Studies, University of Ife.

1992. “Esplendor e decadência do culto de Ìyàmi Òṣòròngà”, Artigos, Tomo I, tradução: Tasso Gadzanis, Editora Corrupio, São Paulo.

1997a. *Orixás*, Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo. Salvador, Editora Corrupio.

1997b. *Lendas Africanas dos Orixás*. Salvador, Ed. Corrupio.

<https://luizlmarins.wordpress.com>

<https://luizlmarins.wordpress.com>